

Na intimidade da casa-grande: os trânsitos editoriais de *Casa-grande & senzala* na correspondência de Gilberto Freyre (1933-1966)



Gravura de Cícero Dias (1933). In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*, 2001, fotografia (detalhe).

Fábio Franzini

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorando em História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Bolsista PDS da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj). Autor, entre outros livros, de *A sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010. ffranzini@unifesp.br

Na intimidade da casa-grande: os trânsitos editoriais de *Casa-grande & senzala* na correspondência de Gilberto Freyre (1933-1966)¹

In the intimacy of the casa-grande: the publishing transits of *Casa-grande & senzala* in Gilberto Freyre's correspondence (1933-1966)

Fábio Franzini

RESUMO

Ao longo dos seus 90 anos de publicação, *Casa-grande & senzala* percorreu várias e distintas trajetórias editoriais, tanto no Brasil como no exterior. Junto às inovações e qualidades inerentes ao texto de Gilberto Freyre, a ação de editores e outros mediadores foi decisiva para que o livro encontrasse sucesso nos meios intelectuais em que apareceu, particularmente entre as décadas de 1930 e 1960. Essa dimensão, em geral pouco considerada pelos estudos a seu respeito, é o tema deste artigo, que, a partir das impressões expressas pelo próprio Freyre em sua correspondência, discute como encontros, desencontros, tensões e percalços marcaram a circulação e os trânsitos de suas edições brasileiras e estrangeiras no período em que consagrou-se como uma obra de caráter “universal”.

PALAVRAS-CHAVE: *Casa-grande & senzala*; Gilberto Freyre; edição e tradução.

ABSTRACT

In the course of its 90 years of publication, *Casa-grande & senzala* has gone through several and distinct publishing trajectories, both in Brazil and abroad. Along with the innovations and qualities inherent in Gilberto Freyre's text, the action of editors and other mediators was decisive for the book to find success in the intellectual circles in which it appeared, particularly between the 1930s and 1960s. This dimension, generally not well considered by studies on it, is the subject of this article, which, based on the impressions expressed by Freyre himself in his correspondence, discusses how encounters, mismatches, tensions and mishaps marked the circulation and transits of its Brazilian and foreign editions in the period in which it was consecrated as a work of “universal” character.

KEYWORDS: *Casa-grande & senzala*; Gilberto Freyre; publishing and translation.



Em outubro de 1980, um grande simpósio internacional realizou-se na Universidade de Brasília em homenagem a Gilberto Freyre. Ao longo de uma semana, nomes como o antropólogo e escritor francês Jean Duvignaud, o filósofo espanhol Julián Marías e o crítico brasileiro José Guilherme Merquior abordaram, como conferencistas ou comentadores, diferentes aspectos da obra e da personalidade do intelectual pernambucano, na esteira das comemorações de seus 80 anos, completados em março. Nas palavras de Edson Nery da

¹ Este artigo é um dos resultados da pesquisa de pós-doutorado Muito além do Brasil: diálogos historiográficos nas edições estrangeiras de *Casa-grande & senzala*, que desenvolvo junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a supervisão da Profa. Dra. Giselle Martins Venancio, financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) por meio de bolsa de Pós-doutorado Sênior (PDS).

Fonseca, amigo pessoal de Freyre, professor da UnB e organizador do evento, assim se saldava a “dívida que o Brasil [tinha] com ele”, a qual “nenhuma iniciativa de âmbito nacional poderia pagar”.²

Para o homenageado, porém, tal celebração não era propriamente uma novidade. Ao contrário: como ele próprio notaria na primeira das duas conferências que proferiu no dia do encerramento do encontro, aquela seria “a quase certamente derradeira oportunidade que me é dada para cumprir essa missão de [ser] pretexto com relação a reconhecimentos de valores coletivamente brasileiros de cultura”. Afinal, lembrava, já havia merecido um colóquio semelhante na França, na década de 1950; na década seguinte, recebera o Prêmio Aspen, “considerado o Nobel dos Estados Unidos”, e o Prêmio Internacional de Literatura La Madonnina, concedido na Itália; e fora consagrado doutor *honoris causa* em diversas Universidades pelo mundo, de Columbia a Coimbra, da Sorbonne a Münster, sem deixar de mencionar, é claro, “o título de *Sir* de nobreza britânica, no caso, por mérito intelectual, concedido por S. M. a Rainha Elizabeth II”.³

Sem dúvida, glórias não faltavam ao autor de *Casa-grande & senzala* – e, em larga medida, elas se deviam justamente ao sucesso de seu livro de estreia, aparecido quase cinquenta anos antes. Não por acaso, embora os títulos de suas conferências finais anunciassem abrangentes notas autobiográficas, das “raízes brasileiras de um recifense sempre itinerante” ao fato (tantas vezes criticado) de ser “menos especialista que generalista”, em ambas a obra ocupou lugar de destaque, senão central. Bem a seu estilo, com ênfase e sem modéstia, Freyre apresentava-se como o responsável por “lançar as bases para um tipo de história social até então inexistente no Brasil ou em qualquer outro país”, a qual fez de *Casa-grande & senzala* um livro “revolucionariamente inovador”, que “parece ter inaugurado não só na ciência social como na literatura a apresentação de realidades sociais ou humanas menos abstratamente que visual e imagisticamente”.⁴ E, mais uma vez, desfiava o rol de aplausos que recebera por seu “empenho”:

Empenho este captado tanto no Brasil por [um] Yan de Almeida Prado, um João Ribeiro, um Roquette-Pinto, um Monteiro Lobato, como por críticos estrangeiros dentre os mais perceptivos. Na França, além de Lucien Febvre – o geógrafo nunca apenas geográfico, mas também historiador social –, Roland Barthes, que chegou a pedir para a França uma revelação, em termos antropológico-sociais, de suas raízes mais íntimas,

² FONSECA, Edson Nery da. Prefácio. In: VÁRIOS AUTORES. *Gilberto Freyre na UnB*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 3. Além dos citados Duvignaud e Marías, os conferencistas do simpósio foram o historiador inglês Asa Briggs, o poeta e ensaísta português David Mourão-Ferreira e o historiador mexicano Silvio Zavala (o sociólogo alemão Helmut Schelsky e o historiador norte-americano Eugene Genovese, que completariam o rol de apresentadores, não puderam aceitar o convite); junto a Merquior, os comentadores das conferências, por sua vez, foram os brasileiros Gilberto de Mello Kujawski, Roberto Motta, Fernando Bastos de Ávila, Vamireh Chacon, Antonio Sales Filho, Marco Aurélio de Alcântara e João Batista Cabral, o romeno Zevedei Barbu e o espanhol Guillermo Termenón y Solis. De acordo com Fonseca, “para cada conferência foram escolhidos dois comentadores: um do corpo docente da UnB e outro brasileiro de notório saber, mas sem vinculação necessária com instituições docentes. E todos estiveram à altura dos conferencistas estrangeiros, o que não deixa de ser honroso para a cultura brasileira”. *Idem, ibidem*, p. 4.

³ FREYRE, Gilberto. Raízes brasileiras de um recifense sempre itinerante, *idem, ibidem*, p. 126. Apenas a título de curiosidade (mas também de correção histórica), vale observar que, embora Gilberto Freyre tenha de fato recebido a distinção da Ordem do Império Britânico (KBE) em 1971, o “título de *Sir*” só se aplica aos cidadãos britânicos; os não britânicos são considerados “cavaleiros honorários”.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 132, 134 e 136, respectivamente.

igual à realizada no Brasil. Na América Latina, em Cuba, além de Fernando Ortiz, pelo marxista Juan Antonio Portuondo. Nos Estados Unidos, além de Frank Tannenbaum, historiador, pelo crítico da Yale Review ao aparecer a tradução em língua inglesa do livro brasileiro.⁵

Zeloso de sua imagem e habilidoso no trato com a memória e as palavras, Gilberto Freyre naturalizava sem esforço sua trajetória e o que produzira ao longo dela. Ainda que dissesse que “um homem que vive acompanhando o século em cujo começo nasceu é, por critério histórico-quantitativo, representativo no seu país desse século: de suas inquietações, de suas contradições, de seus fracassos”, fracassos e contradições não tinham lugar em sua história.⁶ Também não tinham lugar nem sequer as nuances do seu êxito, isto é, as formas e os momentos que o constituíram, tanto no Brasil como no exterior. Perante a plateia do seminário que o celebrava, Freyre expressava sem pudores “sua aparente inclinação a se apresentar como se fosse um gênio”, na observação arguta de Ricardo Benzaquen de Araújo.⁷ *Casa-grande & senzala*, por sua vez e ainda segundo Araújo, desempenhava exatamente o papel de “gênese triunfal de um mundo próprio”, a “fonte inspiradora cuja influência se faria sentir ao longo de toda a sua produção intelectual”, imune ao tempo e aos que não a compreenderam.⁸

Se é desnecessário apontar o quão ilusória e artificial é essa imagem de Freyre por Freyre, acompanhar os trânsitos editoriais de seu livro maior para criticá-la não o é. Nunca é demais lembrar, mesmo depois de Chartier, Darnton e tantos outros, que autores escrevem *textos*, e não *livros*: estes são produto de um circuito que envolve diversos outros sujeitos, o principal deles sendo o editor.⁹ Engana-se, inclusive, quem porventura pensar que esse movimento

⁵ *Idem, ibidem*, p. 134.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 127. E é interessante notar que mesmo episódios banais de sua vida foram apresentados não como falhas, e sim como expressão de uma originalidade própria, que apenas reverbera a sua obra. É o caso, por exemplo, da menção às lições de pintura com o “célebre pintor Telles Junior”, que o repreendia “com aspereza por não copiar direito modelos como laranjas, jarros, tinteiros”: “não creio que como aprendiz do velho Telles eu, menino, fracassasse tanto quanto ele supunha na cópia de naturezas-mortas. Meu repúdio era a naturezas inteiramente mortas como modelos para desenhos de aprendizes. Copiando uma laranja morta eu talvez procurasse dar-lhe a vida de uma fruta ainda com a seiva de sua árvore materna. Como as dos laranjais meus conhecidos. Para Telles, pecado mortal: pintura, em vez de inteiramente objetiva, com o desenhista a competir com um fotógrafo, deformadora dessa objetividade. Uma laranja na sua pura objetividade, de laranja morta, tornada uma laranja simbólica de toda laranja viva. O que – procurando surpreender no menino no que em mim se definiria em escritor adulto, ora misto de sociólogo e de antropólogo ou de historiador ou de pensador – estaria na imagem que, aos trinta anos, procuraria apresentar de uma casa-grande simbolicamente brasileira, como tal mais viva ou mais real que qualquer fotografia de uma isolada casa-grande de Pernambuco ou da Bahia ou do Rio de Janeiro ou do Vale do Paraíba, em São Paulo, em particular”. *Idem, ibidem*, p. 130 e 131.

⁷ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Deuses em miniatura: notas sobre genialidade e melancolia em Gilberto Freyre. In: *Zigue-zague: ensaios reunidos (1977-2016)*. Seleção e organização: Carmen Felgueiras, Marcelo Jasmin e Marcos Veneu. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora PUC-Rio e Editora Unifesp, 2019, p. 297.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 302. A força dessa interpretação é corroborada pelas próprias palavras de Gilberto Freyre ao final de sua primeira conferência: “Aos oitenta anos, sou um autor brasileiro que vem insistindo em acompanhar seus livros no tempo – duração que eles vêm atravessando sob uma recorrente receptividade jovem. Receptividade a suas mensagens, da parte de sucessivas gerações jovens. E também através de uma talvez crescente compreensão dessas mensagens, da parte dos maiores críticos brasileiros literários e de ideias. [...] Evidências contra a propalada superação total que viria sofrendo quer, em particular, a obra, aparecida há quase meio século, *Casa-grande & senzala*, quer as que vêm continuando”. FREYRE, Gilberto, Raízes brasileiras de um recense sempre itinerante, *op. cit.*, p. 137.

⁹ “Circuito” evoca aqui o conhecido esquema do “circuito de comunicação” elaborado por Robert Darnton para descrever o “ciclo de vida” comum a todos os livros impressos, apresentado em seu ensaio O que é a

resume-se a “torná-lo disponível” ao público, numa acepção literal do “publicar”; na descrição minuciosa de Nuno Medeiros, trata-se, na verdade, de “um processo de prescrição, de concessão de sentido”, que, ao alojar o escrito em uma determinada forma material e dentro de um catálogo, projeta-o “na construção da realidade, através da ordem particular que forja em planos como o cultural”.¹⁰ No caso de um texto de cunho acadêmico (seja científico, seja ensaístico), Medeiros ainda nota que acresce outro componente essencial, o da validação: sua publicação expressa o reconhecimento do valor do trabalho intelectual e promove a legitimação do autor, que “passa a prova de um dos filtros do reconhecimento, acumulando prestígio que lhe pode franquear a porta da respeitabilidade entre pares e dilatando os capitais de que pode dispor autonomamente”.¹¹

Logo, quando Gilberto Freyre diz que *Casa-grande & senzala* era e continuava a ser um livro “escandaloso” para o Brasil¹², quando evoca o impacto de *Maîtres et esclaves* na França, quando se orgulha dos prêmios recebidos por *The masters and the slaves* nos Estados Unidos e *Padroni e schiavi* na Itália, quando alude aos intelectuais latino-americanos que leram talvez alguma das versões em espanhol intituladas *Casa-grande y senzala*, há que se pontuar que nada se deu de modo inerente ao texto. Todos esses títulos apenas aparentemente são de um “mesmo” livro.¹³ Àquela altura, eles somavam nada menos que vinte edições no Brasil, mais duas na Argentina, quatro nos Estados Unidos, outras quatro na França e em Portugal, uma na Inglaterra, uma na Alemanha, uma na Itália e uma na Venezuela, e cada uma envolveu (e, sobretudo, necessitou) de uma série de mediações para que, primeiro, pudesse aparecer e, depois, merecer a atenção de leitores e críticos. O próprio Freyre, aliás, acabava por fazer uma sutil referência a isso ao deixar escapar a frase “ao aparecer a tradução em língua inglesa do livro brasileiro” – sutil e, no contexto da citação, decerto inconsciente.

Seria, porém, fazer pouco caso do mestre de Apipucos imaginar que logo ele, dedicado “guardião de sua precoce obra-prima”¹⁴, não soubesse dos meandros de suas publicações ou não se interessasse por elas. Para seu propósito diante dos ouvintes do seminário na UnB, assim como perante outros públicos, tais questões tinham mesmo pouco relevância; em outros espaços e em outros momentos, elas tomavam outra proporção, e possivelmente não haja

história dos livros, de 1982, e retomado por ele em novo artigo publicado originalmente em 2007: DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura, revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Ver também *idem*, “O que é a história do livro” revisitado. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 10, n. 16, Uberlândia, jan.-jun. 2008.

¹⁰ MEDEIROS, Nuno. Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 9, Luanda, jun. 2012, p. 37 e 38.

¹¹ *Idem*, *ibidem*, p. 38.

¹² FREYRE, Gilberto. Menos especialista que generalista. In: *Gilberto Freyre na UnB, op. cit.*, p. 148.

¹³ Como diz Chartier, “a materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto, se o que entendemos por este termo são as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade. A ‘mesma’ obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, seu texto ou sua pontuação”. CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 11.

¹⁴ A expressão é de GIUCCI, Guillermo, RODRÍGUEZ LARRETA, Enrique e FONSECA, Edson Nery da. Notas sobre a presente edição. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Edição crítica. Madri-Barcelona-La Habana-Lisboa-Paris-México-Buenos Aires-São Paulo-Lima-Guatemala-San José: ALLCA XX, 2002, p. XXV.



melhor índice disso que a intimidade da correspondência que manteve com diferentes interlocutores, em especial o diálogo de décadas com o seu grande editor, José Olympio Pereira Filho (1902-1990). Enviadas de Recife e de vários outros lugares do mundo, escritas sem censuras ou constrangimentos, as cartas de Gilberto Freyre expõem, entre assuntos pessoais e profissionais, o seu ponto de vista sobre o tenso jogo que envolveu a publicação e a circulação de *Casa-grande & senzala* no Brasil e em outros países e, por extensão, acabam por revelar os caminhos que levaram à consagração do autor e do livro.

Casa-grande & senzala e a “Casa”¹⁵

Meses antes do grande evento realizado em Brasília, Gilberto Freyre merecera uma festa mais singela, mas nem por isso menos significativa. No dia 5 de março, dez dias antes do seu aniversário, amigos e admiradores se reuniram na sede da Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, para encontrá-lo, aplaudi-lo e, como não poderia deixar de ser, ouvi-lo. Chegada a hora de seu discurso, Freyre enfatizou sua profunda relação com o editor e a editora da forma mais particular possível:

Eu estava me sentindo dono de casa toda própria – o livro intitulado Casa-grande & senzala, casa própria e construída por mim, quando a mão fraterna de José Lins do Rego levou-me a outra casa que se tornaria para mim como se fosse também própria: a Editora José Olympio, construída por José Olympio Pereira [Filho], o grande J. O. Desde então, me sinto tão da Editora José Olympio como de Casa-grande & senzala. Sem esquecer a Casa de Apipucos, que há quase meio século vem sendo a da minha vivência telúrica. Três casas distintas e uma só verdadeira.¹⁶

A metáfora da casa era muito bem pensada, uma vez que, além da fina aproximação a *Casa-grande & senzala* e à residência de Freyre no Recife, ela evocava, como sabiam todos os presentes, a forma afetuosa pela qual desde os anos 1940 a editora era chamada por seus editados, funcionários e pelo próprio José Olympio. O que talvez nem todos ali soubessem é que também materialmente a editora fora um abrigo decisivo tanto para o autor quanto para o livro, sem o qual a sorte de ambos poderia ser muito diferente.

A construção de *Casa-grande & senzala* foi longa e tomou forma final graças a outro editor carioca, o poeta Augusto Frederico Schmidt, que lançou sua primeira edição sob o selo Maia e Schmidt. Como o construtor revelaria décadas mais tarde, foi o amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade que, além de estimulá-lo a concluir o livro, viabilizou sua publicação, intermediando o contrato com Schmidt, pelo qual receberia 500 mil réis por mês até o lançamento; no entanto, “o pagamento dessas mensalidades [...] foi feito de maneira a mais irregular, deixando às vezes o editor ao escritor em situações difí-

¹⁵ Esta seção toda retoma de modo sintético os movimentos que levaram à publicação de *Casa-grande & senzala*, já tratados por mim em FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010, cap. 3.

¹⁶ Discurso de Gilberto Freyre em homenagem promovida pela Livraria José Olympio Editora aos seus oitenta anos de idade. Rio de Janeiro, 5 mar. 1980. *Apud* VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex, 2001, p. 193.

limas”.¹⁷ Certamente por isso ele mostrava-se um tanto desalentado enquanto acompanhava, ou tentava acompanhar, o processo de produção do livro a partir de Recife, o que se percebe quando escreve a Rodrigo para dizer que “seria ótimo se os editores achassem meio de me mandar o bastante para uma viagem ao Rio a fim de combinarmos formatos, vermos juntos as provas, ilustrações, etc., mas isso não sendo possível o melhor é tudo ser decidido aí. A remessa de provas para cá terá grandes inconveniências – o melhor é não mandarem coisa nenhuma. O que for decidido, de acordo com v. e [Manuel] Bandeira, está muito bem”. E ainda completava: “esse livro já me deu bastante trabalho e aborrecimento – e o meu papel agora é cuidar de outra vida, e entregar o livro aos seus verdadeiros e legítimos donos – o editor e os possíveis curiosos que se deem ao trabalho de comprá-lo e lê-lo”.¹⁸

Freyre acabou por não ir ao Rio, e, para aprofundar seu aborrecimento, o ano de 1933 avançava e o lançamento não se concretizava. Já a 3 de janeiro de 1934, Rodrigo de Melo Franco lhe escrevia para comunicar que “os safardanas Maia & Schmidt informam que C. & S. [sic] sairá amanhã. Mas sairá mesmo?”¹⁹ Quando enfim saiu, mereceu uma imediata e entusiasmada recepção nas revistas e páginas literárias dos jornais de todo o país, vendeu muito bem a sua tiragem de “somente 3.000 exemplares” e ainda viria a receber, em 1935, o prêmio de melhor livro do ano anterior, dado pela Sociedade Felipe d’Oliveira.²⁰ Os dissabores com Augusto Frederico Schmidt, contudo, só se aprofundaram. Como alguns críticos não deixaram de apontar já nas primeiras resenhas, a edição merecia mais cuidado e melhor tratamento: Agripino Grieco, por exemplo, lamentou a ausência de “um índice de nomes e um índice de assuntos a esse volume, de quinhentas e vinte páginas amplas e compactas, o que dificulta ao leitor o encontro de qualquer trecho a confrontar com o que vai percorrendo no momento. E a errata inicial, bastante avantajada, prova que as etapas finais da impressão foram queimadas com certa violência”.²¹ Afonso Arinos de Melo Franco, por seu turno, mostrou-se um refinado observador daquilo que hoje chamamos a materialidade do livro, o que o levou a ser bem mais direto em relação ao editor:

¹⁷ FREYRE, Gilberto. Como e porque escrevi *Casa-grande & senzala*. In: FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968, p. 131. O contrato com Schmidt deve ter sido firmado entre o final de 1931 e o início de 1932, pois, em carta para José Lins do Rego datada do início de 1932, Freyre diz que “o livro de que lhe falaram é um estudo que ainda me custará várias pesquisas [...]. Resulta de motivos econômicos: sendo má minha situação, esgotado tudo o que ganhara como professor em Stanford, tive de aceitar essa história – contrato com Schmidt editor, em termos bons e pelos quais se interessaram o Rodrigo e o [Manuel] Bandeira. [...]”. Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego. Rio de Janeiro, 19 jan. 1932. In: *Idem, Cartas de próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Brasília: MEC – Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1978, p. 131.

¹⁸ Carta de Gilberto Freyre a Rodrigo Melo Franco de Andrade. Recife, s./d. Reproduzida em *Idem, Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Rio de Janeiro: MEC, 1978, p. 252.

¹⁹ Carta de Rodrigo de Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, 3 jan. 1934, *apud* FRANZINI, Fábio, *op. cit.*, p. 133, nota 160. Como esta carta deixa evidente, embora a primeira edição de *Casa-grande & senzala* traga 1933 como o ano de publicação – data que também se consagrou em sua fortuna crítica –, a obra só apareceu nas livrarias no início de 1934.

²⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 132 e 133. Para um apanhado da crítica da primeira década do livro, ver FONSECA, Edson Nery da (org.). *Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

²¹ GRIECO, Agripino. *Casa-grande & senzala. O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1934. In: FONSECA, Edson Nery da, *op. cit.*, p. 62.

*Grande é ele [o livro], a começar pelas suas imponentes proporções. Volume sólido, belo, com uma capa austera e convincente. A gente já o abre com gosto e respeito, como se preparando para um longo e grave roteiro intelectual. De passagem, chamarei a atenção de Gilberto Freyre para a má revisão de seu livro. Não sei que diabo arranja o lírico Schmidt editor que as obras saídas de sua casa têm sempre má revisão. Disto me queixo eu, entre outros. E são desagradáveis esses choques em palavras mutiladas, aleijadas. São como topadas nos pés alados do pensamento.*²²

E não eram apenas os críticos que se mostravam atentos ao nome e ao trabalho do cada vez menos desconhecido Gilberto Freyre: outras editoras também. Já em março de 1934, Rodrigo Melo Franco mais uma vez serve-se do correio para avisar a Gilberto que a *Civilização Brasileira*, “braço” carioca da poderosa Companhia Editora Nacional, sediada em São Paulo, não apenas desejava publicar o seu segundo livro (anunciado ao final do prefácio de *Casa-grande & senzala* como a sua continuação) como ainda lhe oferecia “qualquer quantia, em mensalidade ou em bloco, de que necessite para os longos repouso da meditação e do trabalho excessivo”.²³ A negociação foi rápida e, ainda que com algumas pressões da editora sobre o autor, assegurou que *Sobrados e mucambos* aparecesse em 1936 na Coleção Brasileira, lançada pela Nacional em 1931 e, àquela altura, detentora de um elenco de títulos bastante reconhecido e respeitado.

Não é de se estranhar, assim, que os caminhos de Gilberto Freyre e *Casa-grande & senzala* viessem a ser cruzar com os de José Olympio. A aproximação começou no mesmo ano de 1936, com uma oferta do editor ao autor que soava irrecusável em termos financeiros e perfeita para assegurar um espaço privilegiado para si mesmo e outros autores alinhados a seu projeto intelectual; logo, foi prontamente aceita, como mostra uma breve carta datada de 26 de maio:

Caro José Olympio:

Em resposta à sua carta de 13 do corrente, tenho prazer em comunicar-lhe que aceito dirigir a coleção “Documentos Brasileiros”, que V. vai iniciar breve. Concordo com as condições da proposta que V. me faz – quinhentos mil réis mensais e 2% sobre o preço de capa dos volumes a serem publicados na coleção.

Sem mais,

*Gilberto Freyre.*²⁴

O trabalho junto a José Olympio na organização da coleção permitiu a Freyre ver e experimentar de perto o respeito e o profissionalismo que o editor dedicava a seus editados e o cuidado com que tratava suas publicações, sempre de grande qualidade material. O exato oposto de Augusto Frederico Schmidt, portanto, que por volta da mesma época lançava a segunda edição de *Casa-grande & senzala* com um novo prefácio do autor, datado de 1934, a dizer

²² FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Casa-grande & senzala*. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1934. In: FONSECA, Edson Nery da, *op. cit.*, p. 83.

²³ Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, 3 mar. 1934, *apud* FRANZINI, Fábio, *op. cit.*, p. 140.

²⁴ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Rio de Janeiro, 26 maio 1936. Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundo Livraria José Olympio Editora. Série Conselho Executivo, Subsérie Editados, Dossiê Gilberto Freyre (doravante LJOE.ADM.CED.EDT.193), doc. 79/1385.

que nela haviam sido “retificados erros de revisão, alguns graves, que infelizmente foram numerosos na primeira”, bem como acrescentados índices, “cuja falta foi tão reparada”; entretanto, conhecendo bem Schmidt, ele também se precavia: “ainda desta vez, não foi possível ao autor – doente e afastado do Rio – encarregar-se do trabalho de revisão das provas; da revisão dos nomes de autores, títulos de livros e expressões científicas incumbiu-se gentilmente o seu amigo Ruy Coutinho. Da revisão geral foi encarregado, pelos editores, Romulo de Castro”.²⁵

Os problemas, de fato, não desapareceram por completo e a edição ficou muito aquém do que ele esperava e desejava, ainda mais depois do alcance obtido pelo livro. Por isso, poucos meses depois de assumir o comando da Documentos Brasileiros e antes mesmo que seu primeiro volume, *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda, chegasse às livrarias, escreveu a JO com uma proposta meticulosamente pensada, como um agente literário de si mesmo:

*Eu venho lhe lembrar o seguinte: V. faça um esforço e compre Casa-grande. Faríamos então o seguinte: reforma na apresentação e distribuição do material, que ficaria como em Sobrados [e mucambos], as referências bibliográficas no fim, a leitura muito mais agradável para o comum dos leitores; novas e excelentes ilustrações, que eu obteria, algumas substituindo as atuais; o mapa [da casa-grande do Engenho Noruega, feito por Cícero Dias] – se não for muito caro – em três cores; a revisão – péssima na primeira edição e má na 2ª – escrupulosamente benfeita por um competente; a linguagem melhorada, ainda, em alguns pontos. Isto nos permitiria: ou dividir o livro em 2 volumes, 1 e 2, cada um a ser vendido por 15\$, ou fazer o livro [em] um volume só, mas muito bem apresentado, de modo a poder ser vendido a 30\$. Pense bem no assunto. Creio que seria negócio para V. Mas pense no assunto e estude as possibilidades e me escreva logo. Eu ficaria dançando de contente no dia em que visse C. G. & S. livre das garras ladronas de Schmidt – ladronas e sobretudo safadas – e editada por V.*²⁶

O “esforço” que José Olympio teria de fazer para conseguir o título para seu catálogo não seria pequeno, uma vez que ele era e continuaria a ser o *best seller* da editora concorrente na década de 1930. A rigor, ele seria mesmo inútil, uma vez que Freyre, certamente sem imaginar o sucesso que seu livro teria, cedera em definitivo os direitos autorais para “as garras ladronas de Schmidt”, o que o tornava refém do editor, sem poder dispor como quisesse de seu próprio trabalho.

Tal situação tornou-se insustentável a partir de 1938, quando Schmidt lançou a terceira edição de *Casa-grande & senzala* sem nem mesmo comunicá-lo. Freyre, sempre em Recife, foi avisado da publicação pelo médico e escritor Gastão Cruls, e então escreve um longo artigo para a *Revista do Brasil* para comentar as críticas que o livro recebera desde 1936, mas deixando claro logo de saída que aquela era “uma edição à revelia do autor”. No texto, suas consi-

²⁵ FREYRE, Gilberto. Prefácio à segunda edição. In: *Casa-grande & senzala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936, p. 33 e 34.

²⁶ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 28 set. 1936. Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundo Livraria José Olympio Editora. Série Conselho Executivo, Subsérie Editados, Dossiê Gilberto Freyre (doravante LJOE.ADM.CED.EDT.193), doc. 79/1386.



derações não vão além, pois dizia não querer, nem poder, “tocar aqui nesse aspecto do assunto, de interesse quase exclusivamente pessoal”²⁷; em outras instâncias, porém, a discussão ganhou corpo: segundo Sylvio Rabello, “foi preciso que o advogado Trajano Miranda Valverde provasse [nos tribunais] que a cláusula de cessão dos direitos autorais não era senão uma ‘lesão enormíssima’ para que Gilberto tivesse de volta os seus direitos sobre *Casa-grande & senzala* nas futuras edições”.²⁸ Somente no início de agosto de 1940 ele pôde informar a José Olympio ter, enfim, “a palavra do advogado, homem consciencioso e respeitado, de que o livro é meu”, e que continuava “interessado em que V., de preferência a outro editor qualquer, se interesse por ele”. Com a resposta positiva, Freyre lhe apresenta uma proposta ainda mais ousada que aquela que fizera quatro anos antes:

*Creio que poderíamos cuidar quanto antes de uma edição corrigida e melhorada de C. G. & S. (portanto, trabalho para o autor, não esquecer isto, embora valorização para o livro). Poderia ser uma edição definitiva – o que muito o valorizaria. Poderia – pela primeira vez, de fato – ser mandada a Portugal e às colônias, estou certo de que com algum sucesso. Poderia, enfim, ser francamente de 5.000 exemplares e mais 500 exemplares em papel de luxo, para serem vendidos aqui e nos Estados Unidos e na Argentina. E nessa tal edição ganhariam bem tanto o editor como o autor. Otimismo do autor? Tudo indica que não. Além disso, o Casa-grande arrastaria consigo a nova edição de Sobrados e a primeira edição de Ordem e progresso, uniformizados na série que constituem.*²⁹

De modo involuntariamente exemplar, as ações de Gilberto Freyre sobre *Casa-grande & senzala* ilustram a clara consciência que ele tinha acerca de seu lugar e, em especial, de seu poder como autor. É certo que, como mostra Marco Antônio Sousa Alves, na modernidade o “casal autor/editor”, além de ter uma aparição sincrônica, é indissolúvel: “enquanto o autor assina o texto, o editor assina o livro, ambos contribuindo para a conformação espiritual e material da obra” – o que, aliás, já foi notado mais acima; mas, ainda de acordo com Sousa Alves, é o autor quem tem “a prerrogativa de determinar o ‘verdadeiro’ sentido de sua obra”, bem como “o direito de decidir se o discurso [de sua obra] será levado a público, quando e de que forma”.³⁰ Não era outra coisa, pois, que fazia Freyre, fosse junto a Schmidt, fosse junto a José Olympio: controlar, ou ao menos tentar controlar, o destino de seu grande livro. Ou os destinos, como ele próprio começava então a antever.

²⁷ FREYRE, Gilberto. A propósito de um livro em 3. Edição, *apud* FRANZINI, Fábio, *op. cit.*, p. 183. Vale notar que, a partir da quarta edição de *Casa-grande & senzala*, o texto, “com ligeiras modificações”, passaria a aparecer no livro como um de seus paratextos, com o título de “Quase um prefácio à terceira edição”.

²⁸ RABELLO, Sylvio. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. *Cartas de próprio punho*, *op. cit.*, p. 32.

²⁹ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 16 ago. 1940. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1414. A série a que Freyre faz referência é a “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”, como passou a nomear o conjunto desses três títulos.

³⁰ ALVES, Marco Antônio Sousa. *Uma genealogia do autor: a emergência e o funcionamento da autoria moderna*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021, p. 315 e p. 93 e 94, respectivamente.

Rio, Buenos Aires, Nova York

Em 17 de março de 1940, em carta para Manoel Cardozo, historiador norte-americano de origem portuguesa que conhecera durante o período que passou em Stanford, no início dos anos 1930, Freyre contava, entre outras coisas, que haviam saído nos Estados Unidos um estudo de Lewis Hanke e um artigo do *New York Times* a seu respeito, enquanto “na Alemanha o Prof. Quelle, de Berlim, prepara uma longa análise do meu trabalho” e “na França têm aparecido vários artigos com referências aos meus livros”. Como o amigo dizia estar traduzindo *Sobrados e mucambos* para o inglês e desejava escrever “um estudo sobre o ‘founder of the modern Brazilian school of Social history’”, ele sugeria que seria melhor fazer “não um artigo longo, mas um livro que fosse metade um estudo sobre a pessoa e a obra, antecedentes de família e meus, etc., e a outra metade um resumo de cada um dos meus livros, inclusive o de receitas de doces. Resumo bem feito, que quase substituísse a tradução dos livros inteiros, que está sendo feita para inglês, francês e espanhol, mas lentamente”.³¹

Exatos dez dias depois, em nova correspondência, Freyre reiteraria a recomendação, com a certeza de que “um livro desse gênero seria traduzido não só para o português como também para o francês, espanhol e alemão. Digo isso devido a artigos aparecidos ou a aparecer nessas línguas sobre o assunto e às cartas que recebo com pedidos de informações de vários países”. Também pedia, mais adiante, que Cardozo publicasse na seção “Notes” da *Hispanic American Historical Review* várias informações sobre trabalhos seus e de autores que lhe eram próximos, incluindo a seguinte: “O livro *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre foi incluído entre as obras brasileiras que o Ministério da Instrução Pública da Argentina está traduzindo e publicando. Da tradução daquela obra – trabalho difícil devido ao grande número de indianismos e africanismos usados pelo autor – foi encarregado o escritor argentino Benjamín de Garay, que já residiu no Brasil e conhece de perto a vida e as letras brasileiras”.³²

O livro para a divulgação da “vida e obra” gilbertiana não seria escrito, assim como a tradução de *Sobrados e mucambos* por Cardozo, se de fato realizada, jamais seria publicada.³³ Mas Freyre estava correto em apontar a atenção crescente que sua obra despertava no exterior e, em particular, o despontar do interesse em levar *Casa-grande e senzala* para outros países. Cerca de um mês depois, ele escreveria a José Olympio para dizer, provavelmente referindo-se ao trabalho do amigo, que “a tradução inglesa do *Sobrados* está quase pronta” e que resolvera “confiar à nossa Vera Kelsey a tradução de *Casa-grande* que ela

³¹ Carta de Gilberto Freyre a Manuel Cardoso [sic]. Recife, 17 mar. 1940. In: FREYRE, Gilberto. *Cartas de próprio punho*, op. cit., p. 159.

³² Carta de Gilberto Freyre a Manuel Cardoso [sic]. Pernambuco (Brasil) [Recife], 27 mar. 1940. In: *Idem*, *ibidem*, p. 160 e 161.

³³ Aparentemente, a sugestão do livro causou certo mal-estar no amigo, pois em carta datada de 6 de dezembro de 1940 Freyre escreve: “Vamos desfazer um engano: a ideia do estudo biblio-biográfico sobre mim não foi minha, mas sua. Apenas V. pensava em fazer um artigo e eu sugeri que fizesse um livro, adicionando o resumo de cada um dos meus livros”. Carta de Gilberto Freyre a Manuel Cardoso [sic]. Pernambuco, 6 de dezembro de 1940. In: *Idem*, *ibidem*, p. 163. Quanto à tradução para o inglês de *Sobrados e mucambos*, ela seria feita por Harriet de Onis e publicada em 1963 por Alfred Knopf com o título *The mansions and the shanties*.

tanto deseja fazer. É escritora, isso ela é. Quanto a não ter a cultura científica bastante, eu e outros amigos veremos o trabalho, atentos a esse aspecto importante do problema da tradução”³⁴ – comentário um tanto grosseiro sobre uma autora que, ainda que se dedicasse mais à divulgação cultural e à ficção, tinha um mestrado em Sociologia pela Brown University e conhecia muito bem o Brasil e o próprio trabalho dele, Freyre. Além do mais, estava plenamente inserida na dinâmica da Política da Boa Vizinhança então promovida pelo governo dos Estados Unidos, fator que decerto estimulava sua disposição em traduzir o livro tanto quanto facilitaria a publicação naquele país.³⁵

As edições estrangeiras, de todo modo, ainda levariam um tempo para se materializar. A primeira veio a aparecer apenas em 1942, justamente a versão argentina que Freyre comunicara a Cardozo. Traduzido por Benjamín de Garay a partir da edição “clandestina” de Schmidt de 1938, *Casa-grande y senzala. Formación de la familia brasileña bajo el régimen de economía patriarcal* foi publicado em dois volumes, o VIII e o IX, da Biblioteca de Autores Brasileños Traducidos al Castellano, organizada pela Comisión Revisora de Textos de Historia y Geografía Argentina y Americana e fomentada pelo Ministerio de Justicia e Instrucción Pública do país.³⁶ É possível dizer que seu aparecimento despertava grande expectativa nos círculos letrados vizinhos, dado que, de acordo com Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva,³⁷ a proposta da tradução remontava a 1939 e, como visto, já em 1940 aparecia como um título da coleção; além disso, desde 1941 escrevia, como colaborador, para o jornal *La Nación*, de Buenos Aires. Assim, mal saído, o livro repercutiu de imediato, como Freyre contou a José Olympio em correspondência datada de 10 de agosto: “recebi carta de Buenos Aires informando-me da boa recepção que C. G. & S. em espanhol vai tendo. O Levene me diz que é recepção entusiástica. Estou à espera dos exemplares que me cabem”.³⁸

Ricardo Levene, historiador e presidente da Comisión Revisora de Textos, aparentemente não exagerava no relato ao autor. O sucesso do livro foi tamanho que logo no ano seguinte ele ganhou nova edição, edição essa que trouxe duas mudanças muito significativas da sua acolhida no país. A primeira foi que sua publicação deixou de ficar a cargo da iniciativa estatal para passar às mãos de uma editora comercial de destaque, a Emecé Editores, podendo assim alcançar um público maior e mais amplo; a segunda foi sua inclusão em uma coleção que, diferentemente da anterior, tinha um caráter que apelava a algo muito distante do “nacional”: com *Casa-grande y senzala*, Gilberto Freyre

³⁴ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 25 abr. 1940. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1408.

³⁵ Cf. BISPO, A. A. O *Brazilian Information Bureau* nas suas relações com a *American Brazilian Association* e a *American Coffee Corporation* – movimento brasileiro à época da visita da filha de Getúlio Vargas aos EUA. 50 anos de morte de Vera Kelsey (1891-1961). *Revista Brasil-Europa*, v. 129, n. 20, on-line, 2011. Disponível em <http://www.revista.brasil-europa.eu/129/Brazilian_Information_Bureau_NY.html>. SARAIVA, João Gilberto Neves. *Todo Nordeste que couber a gente publica: o The New York Times e as representações do Nordeste brasileiro na era da Política de Boa Vizinhança (1933-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFRN, 2015, p. 71-76.

³⁶ Sobre o projeto da coleção e suas conexões com um movimento maior de aproximação entre Brasil e Argentina nas décadas de 1930 e 40, ver SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. *Diálogos sobre a escrita da História: Brasil e Argentina (1910-1940)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, cap. III, e SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003, p. 120-139.

³⁷ SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da, *op. cit.*, p. 301.

³⁸ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Apipucos [Recife], 10 ago. 1942. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1427.

agora entrava no rol dos *grandes ensaístas*, nome do conjunto de que passava a fazer parte.³⁹ Parecia se confirmar, desse modo, o vaticínio do crítico literário Ricardo Sáenz Hayes, que, em seu longo e acurado prefácio à edição de 1942 (e mantido na de 1943), anotara que, “quando no pensador há uma substância duradoura, riqueza de ideias, capacidade de sentir o regional e o universal, a obra acaba se impondo e triunfa em Recife, no Rio, em São Paulo, em Lisboa, em Buenos Aires ou Nova York”.⁴⁰

Por coincidência (ou não...), naquele mesmo momento um casal no-vaioquino começava a tentar se aproximar de Freyre com a intenção de lançar *Casa-grande & senzala* nos Estados Unidos – e não qualquer casal. Na esteira da Política da Boa Vizinhança tal como Vera Kelsey, porém com uma inserção institucional muito maior e mais efetiva, os editores Blanche e Alfred A. Knopf começavam então a dirigir seu olhar para a produção literária da América Latina em busca de autores para o reputado catálogo da empresa que levava o nome do marido.⁴¹ Possivelmente informados sobre o sociólogo pernambucano pelo historiador Lewis Hanke, diretor da Hispanic Division da Biblioteca do Congresso e editor do *Handbook of Latin American Studies*, uma primeira tentativa de contato deu-se entre julho e agosto de 1942, quando Blanche Knopf, em viagem por vários países da América do Sul para conhecer de perto livros e escritores locais, propôs um encontro no Rio de Janeiro; a julgar por uma carta de Freyre para José Lins do Rego e José Olympio, a proposta não lhe pareceu muito sedutora:

Acabo de receber seus bilhetes. Já escrevi, para o [Hotel] Glória, à Sra. [Blanche] Knopf, que me escrevera de Buenos Aires para ir encontrá-la no Rio. Mas com essa incerteza sobre a correspondência, devido à fúria de cães [ilegível] dos racistas incumbidos pelo Interventor de violar minhas cartas e de subtrair as que forem do seu agrado, fico sempre sem saber da solução de assuntos sérios por meio de cartas. O que eu dizia é que não tenho falta de editoras para a tradução inglesa de Casa-grande. Já se ofereceram várias, das boas. A University of Columbia Press está particularmente interessada no momento. A dificuldade é a tradução que me satisfaça. A oferta da Sra. Kelsey, que andou se oferecendo à Universidade de Yale (à Press) – outra editora interessada por editar C. G. & S. em inglês – foi por mim recusada, por não a julgar à altura. O desejável seria que uma editora dessas se pusesse a pagar um bom tradutor. O nome que primeiro [me] ocorre é o de William Berrien. O [Alfred] Métraux poderia fazer uma leitura crítica, como cientista. Estava a tradução feita da melhor

³⁹ *Casa-grande y senzala* foi o terceiro volume, publicado mais uma vez em dois tomos, da Colección Grandes Ensayistas da Emecé Editores – os títulos anteriores foram *Prosa de ver y pensar*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *Ensayo sobre el destino actual de las letras y las artes*, de Wladimir Weidlé. Sobre a Emecé Editores e algumas de suas coleções, ver COSTA, Maria Eugenia. Los premios literarios de la editorial Emecé y la colección novelistas argentinos contemporáneos (1949-1969). *Gutenberg: Revista de Produção Editorial*, v. 2, n. 2, Santa Maria, 2022.

⁴⁰ SÁENZ HAYES, Ricardo. Gilberto Freyre y la formación social brasileña. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande y senzala*. Buenos Aires: Ministerio de Justicia e Instrucción Pública, 1942, p. 50.

⁴¹ Sobre os Knopf, a editora e seu papel na publicação de autores brasileiros nos EUA, ver, entre outros, LEONE, Caio Affonso. Apontamentos iniciais sobre a tradução de autores brasileiros pela editora Alfred A. Knopf (1942-1989). In: *Anais eletrônicos do 31º Simpósio Nacional de História: História, verdade e tecnologia*. São Paulo, Anpuh-Brasil, 2021, e MINCHILLO, Carlos Cortez. Risky books, rejected authors: Alfred Knopf and the screening of Brazilian literature. *Novos Estudos Cebrap*, v. 37, n. 3, São Paulo, set.-dez. 2018.



maneira. Nesse caso, o Berrien poderia aproveitar o trabalho já feito pela Sra. Kelsey, se ela não quisesse explorar, pedindo um dinheirão por isso.⁴²

Pelo que se deduz, o encontro não ocorreu, algo compreensível diante dos cerceamentos que, à época, Freyre sofria do interventor federal em Pernambuco, Agamenon Magalhães. Mas também, quiçá sobretudo, porque, como ele mesmo dissera, não faltavam boas editoras dispostas a publicar *Casa-grande & senzala* na América do Norte; como a Knopf seria apenas mais uma, não havia por que se esforçar para conhecer sua representante. Decepcionado de vez com Vera Kelsey, ele talvez apenas não soubesse o quanto uma boa tradução importava para o selo de Nova York, já reconhecido pela qualidade com que publicava grandes escritores europeus de língua não inglesa.⁴³

Nos anos seguintes, uma nova situação se configurou para o livro, o autor e os Knopf. Em 1943, *Casa-grande & senzala* foi enfim lançado por José Olympio, materializando praticamente todos os desejos e anseios de Gilberto Freyre: publicação em dois volumes, ilustrações do artista plástico Tomás Santa Rosa, bibliografia atualizada, vasto acréscimo de notas, reunião dos prefácios das edições anteriores junto ao escrito para a nova edição, índices bem elaborados e, claro, sua inclusão na Coleção Documentos Brasileiros, da qual passava a ser o volume 36; era, como Freyre e José Olympio decidiram chamá-la, a “edição definitiva” da obra.⁴⁴ Dez anos depois de seu aparecimento, o livro voltava a mexer com a intelectualidade brasileira, que, em geral, reiterou a originalidade da interpretação que oferecia e a atualidade das inovações que apresentara, embora algumas observações e reparos agora fossem mais agudas, inclusive porque ele podia ser visto sob a perspectiva tanto do seu êxito quanto do conjunto da obra que Freyre produzira. Ou de ambos, com conclusões às vezes ácidas: para Eloy Pontes, por exemplo, *Casa-grande & senzala* parecia ser “o livro único que Gilberto Freyre teve para escrever”, não fazendo desde então “mais nada senão esticar, repetir, estender aqui e ali tudo aquilo que [nele] ficara dito e escrito”.⁴⁵

Junto às críticas, a nova edição potencializou também os convites que Freyre habitual e frequentemente recebia, do Brasil e do exterior, para as mais diversas atividades e funções, de homenagens a cargos docentes. Aceitando alguns, recusando outros, em 1944 ele viajou aos Estados Unidos para apresentar uma série de seis conferências na Universidade de Indiana, em Blo-

⁴² Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego e José Olympio. Apipucos [Recife], 2 ago. 1942. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1428. William Berrien, professor da Universidade de Harvard, era um estudioso do Brasil e da América Latina; Alfred Métraux, antropólogo de origem suíça, àquela altura na Universidade de Yale, conhecia Freyre desde o início da década.

⁴³ Cf. LEONE, Caio Affonso, *op. cit.*, p. 2-4, e TOOGE, Marly D’Amaro Blasques. Patrono da amizade: as traduções de obras brasileiras da Alfred A. Knopf em meados do século XX. *TradTerm*, n. 17, São Paulo, 2010, p. 104 e 105.

⁴⁴ Cf. FRANZINI, Fábio, *op. cit.*, p. 186 e 187. Sobre o caráter “definitivo” dessa edição, em seu novo prefácio Gilberto Freyre atribui a José Olympio essa intenção, o que, como visto, não corresponde à realidade. Além disso, sua explicação para o uso do termo é bastante curiosa, mas totalmente adequada ao seu estilo: “Definitiva dentro da relatividade que condiciona um ensaio da natureza deste, cuja objetividade depende, em grande parte, de novos avanços nas várias ciências e estudos em que se baseia. Isto sem falar nos aspectos, porventura ainda mais flutuantes, de sua subjetividade. As ideias e atitudes do autor. Seus pontos de vista. Os personalismos em que às vezes se alongam suas interpretações”. FREYRE, Gilberto. Prefácio à quarta edição. *Apud idem, ibidem*, p. 186, nota 242.

⁴⁵ *Apud idem, ibidem*, p. 199.

omington, patrocinada pela Fundação Patten. Foi a oportunidade perfeita para que Blanche e Alfred Knopf voltassem a procurá-lo, desta vez com outro desfecho. De acordo com Thiago Nicodemo, a negociação dos editores com o autor contou com o apoio do historiador Frank Tannembaum, de Lewis Hanke e do Departamento de Estado norte-americano e lhes assegurou os direitos de publicação daquelas conferências em livro, bem como da tradução de *Casa-grande & senzala* para o inglês.⁴⁶ Causaram, ainda, a melhor das impressões em Freyre, a ponto de serem mencionados por ele de modo emblemático, logo após seu retorno ao Brasil, em carta aos irmãos José Olympio e Daniel Pereira a respeito de seu livro *Sociologia*, então em processo de produção:

Vejo por uma carta de José, vi outra de Daniel (felizmente há segunda carta de Daniel, em tom diferente) que vocês se magoaram com a primeira carta que lhes escrevi sobre Sociologia, depois de terem recebido as provas. Vocês não têm razão. O que eu fiz foi falar com franqueza. Hoje minhas relações com José Olympio Pereira não são as de editado para editor, mas as de amigo e amigo – deixem que lhes diga pesando bem as palavras –, amigo fraternal. Esta é que é a verdade. Nada me faria ir a outro editor que me oferecesse maiores vantagens. Ainda nos Estados Unidos, sabem o que me diziam os Knopf, que são ali, como vocês sabem, os editores de gente de qualidade (falo do ponto de vista intelectual)? Eles me disseram isto, sabendo por intermédio não sei de quem que minhas relações com José Olympio são as de amigo: “Queremos ser o seu novo José Olympio – o seu José Olympio em língua inglesa”. Sendo assim, não teriam razão nem eu, nem vocês, para nos magoarmos com a franqueza que um de nós usar.”⁴⁷

O casal Knopf realmente viria a se tornar muito próximo de Gilberto Freyre no decorrer dos anos, numa relação bastante semelhante àquela que mantinha com José Olympio; em 1945, contudo, ele ainda não tinha como saber disso, e suas expectativas voltavam-se ao lançamento de seus livros pela editora norte-americana. No mesmo ano, foi publicado *Brazil: an Interpretation*, com as conferências de Indiana, enquanto a versão de *Casa-grande & senzala* seguia em processo de produção, levando a ansiedade do autor às alturas. Em fins de outubro, em bilhete escrito a lápis, ele escrevia a José Olympio: “V. mandou vir dos E. U. o *Brazil: an Interpretation* (meu livro publicado por Knopf)? Eles vão publicar quanto antes *Casa-grande* sob o título: *The masters and the slaves*. Pretendem fazer um livrão”.⁴⁸ Menos de um mês depois, outra carta e outro registro a respeito: “O *Brazil, an Interpretation* vem tendo ótima saída e ótima imprensa nos Estados Unidos. V. já mandou pedir exemplares? Venderá na certa. O *Casa-grande* em inglês sairá no princípio de 46. Parece que vai ser uma bela edição. Os Knopf estão caprichando”.⁴⁹

Os Knopf capricharam muito, na verdade. *The masters and the slaves. A study in the development of Brazilian civilization* apareceu em 1946 em volume único, grande formato, capa dura envolta por sobrecapa e, como era característico da editora, uma edição muito bem cuidada no geral, que incluía os prefácios de todas as edições brasileiras e um escrito por Freyre para essa edição.

⁴⁶ Cf. NICODEMO, Thiago Lima. O “modernismo de estado” e a política cultural brasileira na década de 1940: Candido Portinari e Gilberto Freyre nos EUA. *Revista Landa*, v. 5, n. 1, Florianópolis, 2016, p. 22.

⁴⁷ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio e Daniel Pereira. Santo Antônio de Apipucos [Recife], 27 jan. 1945. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1468.

⁴⁸ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 27 out. 1945. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1476.

⁴⁹ *Idem*, Apipucos [Recife], 25 nov. 1945. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1477.

Materialmente, era, sem dúvida alguma, “um livrão”. E não só: a principal preocupação de Freyre, a tradução, foi posta de lado com o delicado trabalho de Samuel Putnam, profundo conhecedor da literatura brasileira que já havia vertido para o inglês *Os sertões*, de Euclides da Cunha (*Rebellion in the backlands*, 1944), e *Terras do sem fim*, de Jorge Amado (*Violent land*, 1945, este também publicado por Knopf). Mais que um mediador entre linguagens, Putnam atuou como um intérprete da obra, dialogando com o autor, o texto e seus leitores por meio de notas de rodapé em que explicava termos afro-brasileiros “intraduzíveis”, aspectos da cultura brasileira, personagens e autores citados e eventos da história do Brasil e de Portugal, não raro com esclarecimentos que iam muito além da contextualização; elaborou, ainda, um amplo e detalhado glossário ao final do livro, intitulado “Glossary of Brazilian, Portuguese, American Indian, and African Negro expressions, including botanical and zoological terms”.⁵⁰

Elaborada a partir da quarta edição brasileira, a “definitiva”, a versão norte-americana nascia assim como uma espécie de edição crítica, a qual, segundo David Maybury-Lewis, foi “recebida com entusiasmo” nos Estados Unidos graças à sua capacidade de contar a “um público incomodado” com a situação dos negros no país “algo que ele queria ouvir”.⁵¹ Foi recebida assim também pelo autor, que, no prefácio à sexta edição brasileira (1950), a primeira após a publicação em inglês, explicitou sem qualquer embaraço seu direito de

*regozijar-se com o fato de que a crítica mais autorizada dos países de língua inglesa – ou onde essa língua é hoje o latim sociológico –, posta em contato com um estudo em muita cousa fora das convenções acadêmicas, acolheu-o como esforço honesto, e não apenas tentativa ousada, de descobrimento de novos caminhos de indagação e interpretação do homem ou da natureza humana; e, por algumas de suas vozes de mestres, chegou a considerá-lo sugestão para obras a serem realizadas noutras áreas. Noutros países. Nos próprios Estados Unidos. O que parece indicar alguma originalidade no método de análise e de interpretação seguido no trabalho brasileiro.*⁵²

Mais do que uma frase de efeito, a caracterização da língua inglesa como latim sociológico, associada à ênfase na acolhida ao livro e ao reconhecimento da sua originalidade, tinha um sentido muito preciso e importante: como apontou Gustavo Sorá, *The masters and the slaves* fazia com que *Casa-grande & senzala* fosse “confirmada finalmente como universal. O livro já independe do autor: através deste ‘título’, que circula por forças relativamente independentes, o autor é nominado, na arena internacional, como representante

⁵⁰ Cf. FREYRE, Gilberto. *The masters and the slaves*. New York: Alfred A. Knopf, 1946. Tratei em detalhes da tradução e recepção de *Casa-grande & senzala* nos Estados Unidos em artigo a ser publicado pela revista da Biblioteca Brasileira Mindlin: FRANZINI, Fábio. “I can now neutralize their poison”: *Casa-grande & senzala* nos Estados Unidos e a (auto)consagração de Gilberto Freyre (1946-1956). *Revista BBM*, 3, São Paulo, jan.-jun. 2022.

⁵¹ MAYBURY-LEWIS, David H. P. Introduction to the paperback edition. In: FREYRE, Gilberto. *The masters and the slaves*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 1986, p. lxxxvi-lxxxvii.

⁵² FREYRE, Gilberto. Prefácio à sexta edição. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950, p. XCV-XCVI.

nacional”.⁵³ Uma arena então em pleno processo de ampliação, para regozijo ainda maior de Gilberto Freyre.

A conquista do Velho Continente

No mesmo prefácio à sexta edição de *Casa-grande & senzala*, Freyre anunciava de passagem que, depois da publicação em espanhol e em inglês, o livro estava “prestes a aparecer também em francês: trabalho em conjunto do escritor Roger Caillois e do sociólogo Roger Bastide”.⁵⁴ Como mostram Giselle Martins Venancio e André Furtado, que analisaram em detalhe a recepção dessa tradução, Caillois, também sociólogo de formação e grande conhecedor da literatura latino-americana, fora contratado pela prestigiosa editora Gallimard em 1945 para dirigir a coleção *La Croix du Sud*, voltada justamente a autores da América Latina; a Bastide, que desde 1938 era professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, caberia a tradução da obra, provavelmente indicada por ele próprio a Caillois.⁵⁵

Ainda que a coleção privilegiasse a literatura *stricto sensu*, a inclusão de *Casa-grande & senzala* entre seus volumes não era algo estranho ou desconexo, ao contrário. Na visão de Caillois, literatura, ciências sociais e as questões políticas do seu tempo se entrelaçavam, e tanto o estilo da escrita quanto a perspectiva positiva da mestiçagem de Gilberto Freyre se encaixavam à perfeição em seu projeto e no cenário europeu do pós-guerra, marcado pelas discussões sobre raça e racismo.⁵⁶ Além disso, Freyre estava longe de ser um desconhecido na França: já em 1939 o mesmo Bastide publicara na *Revue Internationale de Sociologie* um artigo em que analisava sua obra e a do etnólogo Arthur Ramos sob o prisma dos “estudos afro-brasileiros” e “o problema do contato das raças”; pouco mais tarde, em 1943, Fernand Braudel apresentara aos leitores dos *Annales* (então sob o nome *Mélanges d’Histoire Sociale* por conta da ocupação nazista) o Brasil como um “continente de História” visto pelo trabalho do historiador-sociólogo pernambucano; por fim, em 1948, Freyre, ele mesmo, participara de uma reunião promovida em Paris pela recém-criada Unesco para discutir as “tensões que afetam a compreensão internacional” junto a outros oito reputados intelectuais europeus e norte-americanos, da qual resultara um convite – recusado – para que ele assumisse a direção do Departamento de Ciências Sociais daquele órgão.⁵⁷ Publicar seu principal livro, dessa forma, propiciaria ao público francês o contato direto com o pensamento de um autor que, para Caillois e Bastide, é lícito supor, *deveria ser lido* naquele momento.

⁵³ SORÁ, Gustavo. A construção sociológica de uma posição regionalista: reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 36, São Paulo, fev. 1998, p. 128.

⁵⁴ FREYRE, Gilberto. Prefácio à sexta edição, *op. cit.*, p. XCV.

⁵⁵ Ver VENANCIO, Giselle Martins e FURTADO, André. *Mestiça científicidade: três leitores franceses de Gilberto Freyre e a sua máxima consagração no exterior*. Niterói: Eduff, 2021, esp. cap. 2, Roger Bastide, maior entusiasta e tradutor de *Casa-grande & senzala*.

⁵⁶ Cf. *idem, ibidem*, p. 76-80.

⁵⁷ Cf. LEENHARDT, Jacques. A consagração na França de um pensamento heterodoxo. In: DIMAS, Antonio, LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre-São Paulo: UFRGS Editora/Edusp, 2006, e DIMAS, Antonio. Nas ruínas, o otimismo. In: *idem, ibidem*.



Quando Freyre anunciou a publicação francesa para breve, a tradução parecia estar bem encaminhada, pois ainda em abril de 1948, em carta a José Olympio, Bastide dizia ter falado com Caillois “sobre a tradução de *Casa grande e senzala*, já anunciada, por vários motivos” e pedia ao editor que enviasse ao amigo a edição definitiva do livro.⁵⁸ O trabalho editorial, porém, tem ritmos e tempos próprios, e três anos depois, diante da demora do lançamento, o autor, apreensivo, também foi se abrir com José Olympio: “Meu livro – a edição francesa de *Casa grande* – [está] um pouco atrasado. Estou certo de que contra ele houve uma tentativa de sabotagem brasileira e comunista e estou desconfiado do *outro*. Mas parece que agora tudo vai bem. O Roger Caillois, que é hoje um dos diretores da Gallimard e foi um dos tradutores da obra, é ótimo sujeito. Estive com ele já mais de uma vez”.⁵⁹

Freyre talvez exagerasse, já que os primeiros volumes da coleção *La Croix du Sud* foram lançados somente naquele mesmo ano de 1951, principiando por *Ficções*, de Jorge Luis Borges. Seu *Maîtres et esclaves* (título que acompanhava o da tradução norte-americana), volume 4 da coleção, saiu no ano seguinte e trazia um prefácio do nome maior dos *Annales*, Lucien Febvre, que o apresentava como um livro “nada simples”:

*Ao mesmo tempo, uma história e uma sociologia. Um memorial e uma introspecção. Um enorme panorama do passado, nascido de uma meditação sobre o futuro. Por fim, um ensaio de um escritor nato, que obriga o menos sensível dos leitores a perceber o talento do autor: este dom espantoso de visão e ressurreição, feito de lucidez e de sensualidade. Em suma, a mais bela das caças para um caçador de ideias, hostil às vãs deduções como às sonoridades vazias.*⁶⁰

Mais que na Argentina e nos Estados Unidos, a repercussão do lançamento foi imediata, causando uma verdadeira comoção entre os intelectuais franceses.⁶¹ Para Gilberto Freyre, não poderia haver consagração maior – a qual, evidentemente, não poderia deixar de compartilhar com José Olympio com felicidade crescente. Em fevereiro de 1953, ele envia ao editor “um resumo de cartas de [Georges] Gurvitch e T. Benítez e retalhos de jornais de Paris. Como vê, *Maîtres et esclaves* vai alcançando um sucesso ainda maior do que em línguas inglesa e espanhola. Como V. é um amigo fraternal, ficará contente com essas notícias”.⁶² Um mês depois, novo envio de “um resumo de alguns dos artigos aparecidos na França e na Bélgica sobre *Maîtres et esclaves*. Como vê, é uma crítica espantosamente inteligente – ‘Paris é Paris, queiram ou não queiram’ – e entusiástica. E a repercussão é enorme. [...] Veja que o entusiasmo é de jornais de todas as tendências – *Figaro*, *Combat*, *L’Humanité*, etc. E note

⁵⁸ Carta de Roger Bastide a José Olympio. São Paulo, 23 abr. 1948. Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundo Livraria José Olympio Editora. Série Relações Sociais, Dossiê Roger Bastide (LJOE.JOL.RLS.40), doc. 79/3069.

⁵⁹ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Paris, 11 ago. 1951. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1523. Difícil dizer quem é o “outro” a que Freyre se refere.

⁶⁰ FEBVRE, Lucien. *Brésil, terre de l’histoire*. In: FREYRE, Gilberto. *Maîtres et esclaves*. Paris: Gallimard, 1952, p. 9. A tradução deste texto, da qual se extrai o trecho citado, foi feita por Pedro Puntoni e Renato Sztutman e publicada como FEBVRE, Lucien. *Brasil, terra de história*. *Novos Estudos Cebrap*, n. 56, São Paulo, mar. 2000.

⁶¹ Ver VENANCIO, Giselle Martins e FURTADO, André, *op. cit.*, LEENHARDT, Jacques, *op. cit.*, e FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século*. Recife: Massangana, 1983, p. 74-76.

⁶² Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 6 fev. 1953. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1539.

o espontâneo interesse de Sartre pelo livro. Enfim, qualquer coisa de excepcional”.⁶³ Mas o auge, mesmo, é relatado em carta de 8 de maio:

*o sucesso de Maîtres et esclaves continua na Europa. Nem imagina V. que homenagem me anunciam de Paris! Mas é segredo. Na Bélgica querem me fazer, os europeus, presidente da [Sociedade] Internacional de Sociologia. Uma grande honra. [...] Artigos ótimos continuam a sair e a venda é grande. Os ‘compte rendus’ de venda de Gallimard acusam já em certas áreas um sucesso – me informam – igual ao da edição francesa de Decadência do Ocidente, de Sengler. Que me diz, J. O., disso?*⁶⁴

Avassaladora, a conquista da França fez com que outras editoras europeias também se interessassem por publicar *Casa-grande & senzala* em seus países. Na mesma carta de março de 1953, Freyre já comentara com José Olympio que, atentos à “repercussão enorme” entre a crítica francesa, “me escreveram 4 dos grandes editores em língua inglesa, desejosos de edições (mas estou preso ao Knopf: só se eles me libertassem dele, através de entendimentos pessoais), e na Itália prepara-se edição italiana”⁶⁵; depois, em uma segunda carta escrita em maio, pergunta ao amigo se ele enviara “o *Sobrados* ao editor alemão de Munich cujo endereço lhe mandei? *Sobrados* e *Casa-grande*. Ele está empenhadíssimo em fazer os dois. Diz que tem bom tradutor. Creio que o sucesso na Alemanha não será menor do que na França”.⁶⁶

Com o tempo, o otimismo de Freyre com as prometidas edições italiana e alemã arrefeceria. Os italianos da editora Fratelli Bocca, em particular, lhe dariam grande aborrecimento, a ponto de, em março de 1954, pedir a José Olympio a “gentileza” de “telefonar ao Chermont, do Itamarati, que estranho a informação de Fratelli Bocca não receber minhas cartas quando eu é que estranho o silêncio deles (como me arrependo não ter feito contrato, em termos muito melhores, com Einaudi!) e afirmo que só permitirei a publicação em italiano de *Casa grande* firmados os contratos (conforme a combinação), nos mesmos termos, para *Sobrados e mucambos* e *Interpretação do Brasil*”.⁶⁷ A situação, em suas palavras “muito complicada”, pioraria com o lançamento de *Interpretazione del Brasile* no mesmo ano, que, além de anunciar em sua quarta capa a tradução próxima de *Casa-grande & senzala*, sequer lhe fora comunicada.⁶⁸ Três anos depois, de passagem por Roma, Freyre escreve a José Olympio para dizer que deveria aproveitar a viagem para ver os editores, decerto para tentar resolver todos os problemas que envolviam a publicação de seus títu-

⁶³ *Idem*, Recife, 16 mar. 1953. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1541.

⁶⁴ *Idem*, Apipucos, Recife, 8 maio 1953. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1542. A homenagem parisiense a que Freyre se refere provavelmente era um encontro de intelectuais para discutir seu trabalho, o qual veio a ocorrer em julho de 1956, em Cerisy-La-Salle, com o tema Um mestre da Sociologia brasileira: Gilberto Freyre, com Roger Bastide à frente da organização. A esse respeito ver, entre outros, LEENHARDT, Jacques, *op. cit.*, p. 36-38.

⁶⁵ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Recife, 16 mar. 1953. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1541.

⁶⁶ *Idem*, Apipucos, Recife, 27 maio 1953. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1517.

⁶⁷ *Idem*, Apipucos, Recife, 30 mar. 1954. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1552. O Chermont a que Freyre se refere provavelmente era o embaixador Jaime Sloan Chermont, então chefe da Divisão Cultural do Itamarati.

⁶⁸ *Idem*, Roma, 24 abr. 1957. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1561. Não encontrei maiores informações acerca da Fratelli Bocca senão seu curto verbete na Wikipedia italiana, que informa que ela encerrou suas atividades na década de 1950, o que talvez explique os contratemplos de Freyre. A tradução de *Interpretação do Brasil* é tratada por CHEROBIN, Nicoletta. *(La) Casa Grande e (la) senzala brasileira tradotta in italiano: analisi paratestuale di Padroni e Schiavi*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – UFSC, Florianópolis, 2015, p. 101-106.

los.⁶⁹ Não é possível dizer se conseguiu fazê-lo, mas somente às vésperas do Natal de 1962 o assunto reapareceria nas conversas com o editor, em um contraste dos mais expressivos:

*Knopf está muito entusiasmado com a edição japonesa daquele livro [New world in the tropics] e muito empenhado numa boa apresentação de Sobrados em inglês, retardada porque não teve – segundo ele – informações daí no tempo exato. É um excelente amigo, o meu J. O. novayorkino. Espero a saída este ano de Casa grande em alemão e em italiano (esta, de Einaudi, retardada. Os italianos são maus editores – pelo menos aqueles com quem tenho lidado).*⁷⁰

“Moderno”, “universal”... e autossuficiente

Àquela altura, *Maîtres et esclaves* estava em segunda edição, com sucessivas reimpressões. *The masters and the slaves* também merecera uma segunda edição de Knopf, em 1956. Em 1957, *Casa-grande & senzala* apareceu em Portugal, na Coleção Livros do Brasil, publicada pela editora de mesmo nome. As edições italiana, *Padroni e schiavi*, e alemã, *Herrenhaus und sklavenhütte*, levariam um pouco mais de tempo, mas apareceriam ambas em 1965, lançadas por Einaudi e Kiepenheuer & Witsch, respectivamente. Como extensão de tamanho sucesso, outros livros seus passavam a ser editados em diferentes países. – e ele, naturalmente, celebrava com José Olympio:

*O Casa-grande em inglês vai sair em janeiro, numa grande edição popular, de 50.000 exemplares: a língua inglesa antecipou-se à alemã. Numa grande edição popular vai sair em espanhol, acrescentada, etc., Interpretação do Brasil. Souza Pinto [o editor português da Livros do Brasil], que acaba de lançar Sobrados e mucambos em bela edição, vai publicar, traduzida, New world in the tropics. Gallimard vai publicar em 64 a 8ª ed. de Maîtres et esclaves. The mansions and the shanties [tradução norte-americana de Sobrados e mucambos], a despeito de ser livro de 10 dollars o ex., vai – escreveu-me Knopf – muito bem. Ele e o Souza Pinto estão à espera de Ordem e progresso aparecer em nova edição, lançada por V. Como vê, o Velhinho vai bem por este também velho mundo de Deus.*⁷¹

O “Velhinho”, de fato, ia muito bem. Significativamente, naquele mesmo momento, em seu prefácio à 13ª edição brasileira de *Casa-grande & senzala* (1966), ele principiava por reconhecer que a nova edição reafirmava o que no livro havia “porventura de vivo e de jovem”, uma vez que “não existe editor que reedite senão livros reclamados por sucessivas novas gerações de leitores. Do contrário, seria um editor suicida”. E concluía, três parágrafos adiante:

Um livro não se comporta senão de acordo com a sua própria vitalidade. À revelia do autor e à revelia de quantos, por isto ou por aquilo, pretendam destruir ou desacreditar ou inatualizar o autor. Pelo que continua Casa-grande & senzala a desmentir tranquilamente, no Brasil e no estrangeiro, seus detratores; e a atrair a confirmação de mestres para o que nele continua, segundo eles, vivo e válido. Suas sucessivas edições,

⁶⁹ Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Roma, 24 abr. 1957. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. 79/1561.

⁷⁰ *Idem*, Recife, 23 dez. 1962. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. s./n.

⁷¹ *Idem*, Recife, 10 dez. 1963. LJOE.ADM.CED.EDT.193, doc. s./n.

*em diferentes línguas, falam por si mesmas; fala por si mesma a renovada atração que o livro exerce há anos, e teima em exercer agora, sobre a inteligência e sobre a sensibilidade das novas gerações. Continua a ser um livro, segundo mestres da Sorbonne e de Harvard, moderníssimo. E não tardará a aparecer em Israel em língua hebraica: edição anunciada também para este ano e que, segundo um crítico francês, revela novo aspecto não só da modernidade como da universalidade do livro brasileiro.*⁷²

“Moderno” e “universal”, Gilberto Freyre alcançara então um lugar ocupado por poucos na geografia do mundo intelectual de meados do século XX: era um *autor* que tinha uma *obra* reconhecida a partir de um *livro*. Um livro construído no e pelo jogo entre seus interesses e os interesses de nomes como José Olympio, Ricardo Levene, Ricardo Sáenz Hayes, Blanche e Alfred Knopf, Roger Bastide, Roger Caillois, Antônio de Souza Pinto e outros editores e mediadores que deram forma, não sem tensões e percalços, ao seu trabalho. Silenciosa e gradativamente, porém, todos eles passariam a um plano cada vez mais invisível na memória sem arestas que Freyre construía para *Casa-grande & senzala*, na medida exata da sua celebração em escala internacional.

Artigo recebido em 23 de maio de 2023. Aprovado em 15 de junho de 2023.

⁷² FREYRE, Gilberto. Prefácio à décima terceira edição. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p. CXXI e p. CXXII-CXXIII, respectivamente.